



## **CONSTITUIR-SE TREINADORA DE FUTEBOL: TRAJETÓRIAS DE BRASILEIRAS NOS ESTADOS UNIDOS**

**Palavras-Chave: FUTEBOL FEMININO, GÊNERO, ESPORTE, TREINADORAS**

**Autoras:**

**Giovanna Morandim Rodrigues da Silva, Unicamp**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helena Altmann (orientadora), Unicamp**

---

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória de treinadoras da modalidade futebol feminino, que, em certo momento da vida, resolveram sair do Brasil para atuar profissionalmente nos Estados Unidos da América. O estudo se justifica por compreender como essas trajetórias contribuem para ressignificar e reconstruir as relações com a prática do futebol nos EUA e os fatores associados ao processo de imigração profissional. Foram investigados o início do seu interesse por esse esporte e o começo da prática como atletas, a prática no ambiente escolar, a relação da família com a escolha pelo futebol, as dificuldades enfrentadas nos ambientes, as conquistas atingidas, o início da carreira profissional, os motivos que as levaram migrar ao exterior e a experiência como treinadoras nos Estados Unidos.

O futebol se constituiu historicamente no Brasil como um espaço de exibição de masculinidades hegemônicas/virilidades e reforço de uma “identidade masculina”, reforçando as desigualdades entre os gêneros. O incentivo ao futebol feminino é diferente quando comparamos os dois países, já que o futebol é considerado o primeiro esporte feminino nos Estados Unidos. Diferentemente da cultura brasileira, lá o futebol se apresenta como uma área reservada para mulheres, ocorrendo assim uma grande diferença entre Estados Unidos e Brasil relacionados à organização do futebol feminino, assim como há uma diferença muito grande se comparado ao futebol masculino, principalmente no Brasil (SARDINHA, 2011). As americanas possuem uma estrutura de formação no esporte, envolvendo competições nas diferentes idades, desde a base até a idade adulta, enquanto as brasileiras dependem de escolinhas particulares de futebol para a iniciação no esporte, que nem sempre atendem o público de meninas. Essa estrutura de formação favorece o país a se tornar uma grande potência nesta modalidade esportiva. O desenvolvimento nos Estados Unidos torna o esporte um dos favoritos das mulheres, por estar incluído desde a fase escolar e em universidades com bolsas para atletas, e ligas de alto nível para disputas de campeonatos.

## **METODOLOGIA:**

Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas com ex-atletas e atuais treinadoras da modalidade futebol feminino, que atuam ou atuaram nos Estados Unidos. Das quatro entrevistas, três já retornaram ao Brasil e três delas atualmente trabalham como treinadoras no futebol de alto rendimento (Clube de Regatas Flamengo, Clube Atlético Mineiro e Time Universitário no condado de Oregon, EUA), e uma acabou se encontrando na parte de gestão esportiva, trabalhando atualmente no Fortaleza Esporte Clube. A realização das entrevistas foi de comum acordo com as entrevistadas, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp.

As treinadoras entrevistadas tinham entre 28 e 36 anos, sendo a mais velha aquela que conseguiu consolidar e prolongar a sua carreira nos Estados Unidos, onde está até os dias atuais. Devido a compromissos profissionais e as diferenças de fuso horário, a disponibilidade de tempo para as entrevistas foi um pouco difícil. As entrevistas foram todas realizadas em língua portuguesa, língua de origem das entrevistadas, tendo uma média de 1h de duração. Elas seguiram um roteiro de entrevistas pré-estruturado, num tom de conversa com cada entrevistada, possibilitando aprofundamento em assuntos pertinentes à pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas utilizando o site *www.amberscript.com*, e posterior revisadas pela pesquisadora.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A iniciação ao futebol com as quatro entrevistadas aconteceu dentro de casa, com o apoio da família. O interesse pelo futebol foi despertado tanto a partir da relação com homens, como o pai, como com mulheres, com a mãe e a avó. O pai de umas das entrevistadas foi jogador de futebol amador, e sempre a levava em seus jogos, para que ela pudesse acompanhá-lo. Já para outras duas entrevistadas, a paixão pelo futebol veio do convívio com mulheres, pois ou a mãe ou a avó sempre estava assistindo a algum jogo de futebol, não importasse o time ou campeonato que estivesse sendo televisionado, além de incentivar a prática da modalidade.

No Brasil, as oportunidades e possibilidades de aprendizagens e prática nos esportes e nas atividades físicas são ainda desiguais para meninas e meninos, homens e mulheres. Assegurar uma educação inclusiva e equitativa sob uma perspectiva de gênero ainda é um desafio dentro da escola e em outros espaços (ALTMANN, 2017).

As entrevistas revelam desigualdades de gênero vivenciadas no ambiente escolar, principalmente nas aulas de educação física, onde, para as meninas, sempre era posto em prática a modalidade voleibol, enquanto os meninos sempre jogavam futebol. Mas se demonstravam um mínimo de habilidade futebolística nos intervalos das aulas, era possível ganhar um espaço e até um status perante o grupo masculino local.

Em suas análises, Moraes (2012) mostra como a inserção da mulher no futebol foi se construindo de forma silenciosa e paulatina, enfrentando barreiras de várias ordens, muitas delas ligadas ao gênero e à sexualidade: A inserção da mulher em alguns espaços sociais, como os esportes considerados de domínio dos homens, deu-se devido à sua constante luta transplantando barreiras e preconceitos. No caso do futebol nacional, ainda considerado como uma reserva masculina, ideia reforçada pela medicina e pela biologia que consideravam sua prática imprópria para mulheres, uma das estratégias forjadas com base nas convenções sociais foi definir a mulher praticante de futebol como lésbica, ou seja, fora dos padrões da normalidade sexual, como forma pejorativa de identificá-la, estigmatizando e rotulando historicamente essas jogadoras (MORAES, 2012).

Nessa pesquisa, após atingir a puberdade, a relação dos meninos com as meninas que jogam futebol deixou de ser considerada status e acabou virando algo discriminatório, com pré julgamento e associação das habilidades futebolísticas com a orientação sexual da menina. A estratégia de jogar futebol como forma de aproximação dos meninos não atingia mais os objetivos propostos, porque a associação de meninas que o praticavam à homossexualidade tinha peso maior do que a interação proporcionada pela prática.

Pelo futebol ser uma modalidade predominantemente masculina, e por conta do todo fator histórico que existe desde a proibição do futebol feminino até os dias atuais, contribui para que as mulheres sejam estereotipadas como “mulher-macho” e que “futebol é coisa de homem”. O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade, os músculos exaltados, os gestos agressivos do corpo, a liberdade de movimento, a imagem das jogadoras, colocam-nas em questionamentos acerca de sua sexualidade, uma invasão na identidade sexual. A mulher que joga futebol não se encaixa no que é considerado normal, a heterossexualidade (GOELLNER, 2005, p.144).

O ambiente esportivo consiste em um lugar de afirmação da identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre os gêneros (COELHO, 2009). Talvez o desporto onde tal fronteira se mostre mais enraizada seja o futebol, levando em conta o fato de ser um esporte construído socialmente por homens e também para eles (VAZ, 2005), onde a presença das mulheres ainda é vista com estranheza, quase como um afronta, em especial no âmbito da gestão. O relato de uma das entrevistadas comprova isso, onde a mãe de um atleta queria que ela fosse tirada do campo, pois estava "atrapalhando" o treino do seu filho.

A falta de um modelo feminino no futebol, seja como atleta, treinadora ou gestora, dificulta que as meninas se vejam nessas posições, pois majoritariamente, nas referências existentes no Brasil em relação ao futebol, o modelo e exemplo a ser seguido é de um homem.

As treinadoras entrevistadas, ao iniciarem a profissionalização da modalidade no Brasil, não podiam se dedicar única e exclusivamente a ela, pois tinham que conciliar os treinos com estudos e trabalhos, dos quais tiravam a renda de seu sustento . Isso deixa claro como o

profissionalismo com que é tratado o futebol norte-americano se diferencia da concepção que se tem aqui no Brasil.

De acordo com a pesquisa de Souza Junior (2013) sobre o futebol de mulheres, o benefício da bolsa de estudos é uma forma de remuneração frequente na modalidade. Ainda segundo o autor, essa percepção pode levar à hipótese de que essas atletas não acreditam na viabilidade de um projeto de vida firmado exclusivamente no futebol, necessitando de uma “carreira paralela”, uma alternativa, que será responsável por proporcionar alguma segurança em relação ao futuro. No entanto, ao mesmo tempo em que esse dado nos demonstra uma grande diferença com relação ao futebol de homens, que podem construir um projeto de vida relacionado à modalidade, paradoxalmente, essa condição pode ser interessante.

No caso da entrevistada que hoje reside em Portland, Oregon, a questão da bolsa de estudos no exterior aliada com a prática do futebol, foi o fator principal para ela optar por sair do país, por assim saber que lá uma coisa não seria excludente a outra, diferentemente do seu país de origem.

Apesar dos Estados Unidos serem considerados o país do futebol feminino, ainda existem alguns preconceitos enraizados com relação ao papel da mulher no futebol. Elas tinham espaço no futebol, os pais dos seus atletas não desconfiavam do trabalho por ser uma mulher no comando dessa modalidade. Por outro lado, as equipes davam preferência para trabalharem com crianças de faixas etárias menores e por consequência, com menos habilidade. As categorias inferiores acabavam sendo destinadas a elas, enquanto os homens tinham a oportunidade de ficar com os atletas mais velhos, saindo da iniciação e começando na profissionalização. Além disso, também nos Estados Unidos, fora das quatro linhas, as mulheres ainda não conseguem uma posição de destaque. Dos 10 times que fazem parte da Liga Norte Americana de Futebol Feminino (NWSL), apenas 3 apresentam treinadoras.

## **CONCLUSÕES:**

Após a realização das entrevistas, juntamente com revisões bibliográficas sobre a modalidade, foi possível concluir que, mesmo os Estados Unidos tendo uma estrutura mais favorável que o Brasil à prática do futebol feminino, com oportunidades de bolsa de estudo desde a escola até a faculdade, ainda existem barreiras e preconceitos que as mulheres precisam enfrentar dentro e fora da modalidade. Elas tendem a ocupar uma posição hierarquicamente inferior aos homens como treinadoras.

Pode se concluir que existem mais oportunidades nos Estados Unidos quando o assunto é o futebol feminino, comparado com o Brasil. Existem maiores oportunidades de prática e de atuação na América do Norte com relação ao futebol feminino, se tornando assim uma referência mundial a ser seguida.

## BIBLIOGRAFIA

ALTMANN, Helena. **Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero**. Motus Corporis (UGF), Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 9-20, 2002

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa H. B. **Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas**. Movimento (UFRGS. Impresso), v.19, p. 211 - 232, 2013.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física/ Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 1998; 110 p.

ANJOS, Gabrielle dos. **Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências**. Sociologias, Porto Alegre, n.4, 2000.

ANTONELLI, M A. **Brasil vs EUA: aprendendo e ensinando de formas diferentes**. Universidade do Futebol. Universidade do futebol. Artigo publicado online em 10/11/2012. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/brasil-vs-eua-aprendendo-e-ensinando-deformas-diferentes/>. Visto em 11 de agosto de 2021.

FRANZINI, Fábio. **"Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol"**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 2, 2010.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. Pensar a Prática, v. 8, n. 1, p. 85-100, 15 nov. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2005.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.